

O tratamento da ideia ocidental de casal na psicanálise de Lacan.

The treatment of the western idea of the couple in Lacan's psychoanalysis.

MARIA INÉS SARRAILLET

RESUMO:

A psicanálise que Lacan propõe, interpretada a partir do Programa de Investigação de APOLa, é uma disciplina de espírito científico que aborda o sofrimento subjetivo no quadro de seu próprio contexto cultural e de época. Este trabalho questiona algumas das coordenadas histórico-discursivas que Lacan considera, ao afirmar que a direção do ato analítico tende a estabelecer a impossibilidade de inscrição do ato sexual.

PALAVRAS-CHAVE: ato analítico – ato sexual – não há relação sexual – casal – história – formalização – conhecimento – *acting out*.

ABSTRACT:

The psychoanalysis that Lacan proposes, interpreted from the perspective of APOLa's Research Program, is a discipline of scientific spirit that approaches subjective suffering within the plot of the cultural and epochal context that is proper to it. The paper interrogates some of the historical-discursive coordinates that Lacan considers, in positing that the direction of the analytic act tends to establish the impossibility of inscription of the sexual act.

KEYWORDS: analytic act – sexual act – no sexual relation – couple – history – formalization – knowledge – acting out.

Quando Lacan aplica sua matemática, sua álgebra e seu uso peculiar de certas operações lógicas e matemáticas, ele nos fornece modelos vazios que nos permitem inscrever a estrutura de *lalíngua* nos textos-clínicos com os quais trabalhamos, os quais participam de um contexto histórico-discursivo. A análise de certos elementos desse contexto cultural e histórico é, portanto, também tratada de forma lógico-matemática, que consiste na sua inscrição em fórmulas sem sentido.

Este procedimento favorece a cura dos preconceitos do analista, que podem interferir e promover a paralisação da análise, importando sentidos, significados e ideais pessoais, quaisquer que sejam as questões em no sentido de, por exemplo, ideias e significados cristalizados sobre o casal, amor, maternidade, paternidade, família, trabalho, sexualidade, gênero, sucesso, fracasso, etc.

A partir deste ponto, tentaremos questionar a conexão entre a noção lacaniana de ato analítico e a fórmula que sustenta que “não há ato – ou relação-proporção sexual – que possa ser escrito em termos lógico-matemáticos”, levando em conta suas coordenadas histórico-discursivas.

Dentre os muitos temas que Lacan estuda a partir do *Seminário 14*, tomaremos a inter-relação que se introduz entre a ideia de casal na cultura judaico-cristã – particularmente na modernidade – e a centralidade da sexualidade na cultura moderna e pós-moderna como revelação da verdade individual.¹ Também levantaremos a oposição entre conhecimento e saber na direção do tratamento.

A hipótese é que a análise dessas três questões permite interpretar em que sentido pode-se postular que, no discurso ocidental, a direção do ato analítico implica o estabelecimento da impossibilidade do ato sexual.

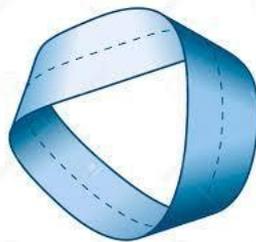
“Eles serão uma só carne”

Uma das expressões matemáticas que Lacan utiliza para estabelecer a estrutura do ato analítico e a impossibilidade do ato sexual é a razão áurea ou proporção divina:

$$\frac{a=0,618\dots}{1} = \frac{1=M=Outro\ sexual}{1+a}$$

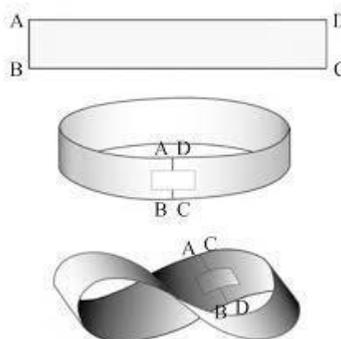
Pode ser representada como a relação proporcional entre 2 segmentos, tal que o segmento maior (1) está para o menor ($a=0,618\dots$), assim como a soma do maior e do menor ($1+a$) está para o maior (1): $1/a = 1+a/1 = 1,6180\dots$ Essa operação resulta no número de ouro, um número irracional, incomensurável, cujas casas decimais não param de ser escritas, sem periodicidade e sem ser serializável.² Ressalta-se que é impossível terminar de escrever: 1.618...

O desdobramento desses dois segmentos consiste no desdobramento do duplo laço com o qual o ato analítico é tematizado topologicamente como ato interpretativo.



¹ Cf. Villa Pusineri, R.; Zaratiegui, J. (2022). Unarismo del sexo o Etero-sexualidad. Dos respuestas posibles a un malestrar de época. Em *O Rei está Nu*, n.º 19. Disponível em: <https://elreyestadesnudo.com.ar/edicion-19>

² A proporção áurea, também conhecida como “proporção divina”, tem sido estudada na arquitetura desde a Grécia antiga e é usada em criações artísticas. Ela também está presente em vários fenômenos naturais. É conhecida em matemática pela famosa sequência ou série de Fibonacci, em que cada número é a soma dos dois anteriores: 011235813... Nesta série, se tomarmos por exemplo a relação entre 5 e 8, verifica-se que $8/5 = 8+5/8 = 1,625$. O número maior é o menor, assim como a soma do menor e do maior é o maior. O resultado é um número que se aproxima do número áureo.



Este duplo laço, cortado em duas voltas da fita de Moebius, dá a estrutura do ato como uma repetição significativa, que dá lugar ao aparecimento de um novo sujeito-tema, como sujeito local, criando uma análise – já que o corte na superfície bidimensional do texto clínico muda sua estrutura. Se surge uma fita com duas faces, este corte-percurso em duplo laço – oito interior – permite revelar a existência da fita de Moebius unilateral, que no passado futuro, terá sido moebiano.³ É claro que o advento do sujeito do inconsciente na teoria de Lacan não envolve nenhuma noção de profundidade, apenas requer a presença de duas dimensões, as da cadeia significante articulada como uma cadeia de anéis ou um circuito de laços encadeados.

Agora, por que Lacan escolhe trabalhar com esses valores? Por que 1 e 0, 618..? E o que você quer dizer com a impossibilidade de registrar o ato sexual?

Considerando que Lacan observa que a psicanálise costuma abordar determinados temas do discurso atual, dentre os quais se destacam: a) o que significa homem e mulher⁴; e b) o enredo das relações relacionadas aos pais e parentes (*parents*),⁵ poder-se-ia interpretar que Lacan utiliza essa contribuição matemática para problematizar – entre outros temas – o “sexual” referindo-se ao casal como UM e ao sujeito como UM, e o valor unificador nos laços familiares, assim como a função unificadora nos problemas clínicos que se geram quando o ato analítico falha: o *acting out*, por exemplo.

Para esclarecer essas questões, é preciso considerar a advertência de Lacan quando esclarece que suas afirmações se situam no contexto da cultura judaico-cristã ocidental, uma vez que outras culturas, como a grega, não têm o **sexo** como valor central.⁶

A respeito disso, podemos citar o caso da sociedade *Na*, na China, na qual o casamento não rege a organização social,⁷ Já que nessa população, irmãos e irmãs criam juntos os filhos que as

³ Cf. Eidelsztein, A. (2019). *La topología en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra Viva.

⁴ Lacan, J. (2012) *El Seminario. Libro 19*. Palestra em St. Anne 01/06/72. Buenos Aires: Paidós. pp. 198-199.

⁵ Idem. (1977). *El Seminario. Libro 24*. Inédito. Aula de 19/04/77.

⁶ Idem. (2023). *El Seminario. Libro 14*. Buenos Aires: Paidós. p. 326.

⁷ Cf. Coontz, S. (2006). *Historia del matrimonio. Cómo el amor conquistó el matrimonio*. Barcelona: Gedisa Ed.

mulheres dão à luz. Nas sociedades Bella Cola e Kwakiutl do noroeste do Pacífico, o casamento é mais importante do que motivações sexuais ou reprodutivas, pois busca estabelecer conexões comerciais entre grupos. E se duas famílias desejam negociar entre si e não têm membros suficientes para formalizar um casamento, um contrato de casamento pode ser estabelecido entre um indivíduo e um pé de outro, ou mesmo um cão da outra família com a qual desejam se tornar parentes. Outros exemplos de alianças em que o gênero não importa ocorreram na China e no Sudão, onde casamentos foram realizados com fantasmas, espíritos e até mesmo com os mortos. Por fim, podemos mencionar que entre os Iorubás⁸ o princípio da organização social é a *senioridade*, que é definida pela diferença relativa de idade, independentemente das distinções entre homens e mulheres. As categorias de parentesco não são específicas de gênero.

Entretanto, na tradição judaico-cristã, a dimensão sexual é central nos relacionamentos conjugais e familiares.

Lacan destaca as fortes proibições que regem os atos ditos impuros e sublinha a importância do mito expresso no “Gênesis” em que o imperativo divino recai sobre Eva e Adão: “Eles serão uma só carne”, seguindo a criação de Eva com uma costela que Deus extrai de Adão Kadmon, um personagem andrógino. Lacan coloca como *per-versão*, o verbo divino os une em uma só carne, já que a mulher-Eva provém da costela – com valor de objeto *a* –, fragmento do corpo de Adão, o primeiro homem. Este imperativo cumpre uma função que se articula ao longo dos séculos, para o estabelecimento de um modelo de aliança e parentesco e em particular de casamento, que predominou no Ocidente – em termos gerais, na Europa e nos territórios colonizados.

Progressivamente, seguindo esse modelo, o casal passou a ser considerado um só corpo e uma só alma, em união carnal e espiritual, sem a exigência de amor apaixonado. À medida que o cristianismo avançava, o divórcio e a poligamia foram condenados e a adoção foi censurada. A partir do século XII, as bases do casamento moderno foram lançadas nessa base.

Então, no século XVIII, com o avanço do individualismo, do iluminismo e dos direitos individuais, o casamento por amor se consolidou pela primeira vez na Europa. A ideia de “almas gêmeas” surge seguindo o ideal do casal companheiro. É uma escolha privada entre duas pessoas, diferente da tradição anterior, que significava um vínculo dentro de um sistema econômico. Estabelece-se a sacralização da mãe e a valorização da suposta unidade entre ela e seu filho, transferindo para essa relação o modelo de “uma só carne”, agora inspirado na figura da Virgem e do Menino.⁹

⁸ Cf. Oyewumi, O. (2017). *La invención de las mujeres*. Bogotá: Editorial de la Frontera.

⁹ Cf. Sarraillet, M. I. (2024). El psicoanálisis y la estructura familiar en la modernidad y posmodernidad. *El Rey está desnudo*, n.º 21. Disponível em: <https://elreyestadesnudo.com.ar/revistas/>.

No século XIX, era vitoriana, na classe burguesa europeia – principalmente na Inglaterra e na França –, deu-se o contexto do surgimento da psicanálise com S. Freud. Neste momento, ocorre uma divisão nítida entre a esfera privada, dominada pelas mulheres, e a esfera pública, dominada pelos homens. Antes dessa mudança, a vida doméstica também era masculina, e o trabalho das mulheres não se limitava ao trabalho doméstico e ao cuidado dos filhos. Por exemplo, ela participou do negócio da família. Nessa mutação social, as mulheres gradualmente passaram do amor para o amor romântico.

Um culto à pureza feminina é estabelecido,¹⁰ e o papel materno é cada vez mais glorificado. Consolida-se a ideia de uma natureza distinta daquela dos homens e das mulheres, assim como a noção de que cada sexo é incompleto sem o outro. As mulheres eram procuradas como representantes de seu sexo, cada sexo contribuindo com o que faltava ao outro. Assim, instalaram-se dois estereótipos de gênero, que em contraste com a realidade da relação e a distância provocada pela divisão acentuada entre as duas esferas, favorecia um distanciamento entre homens e mulheres. Ser um “homem” era uma pressão constante sobre o masculino, e o modelo de mulher, em sua pureza ideal, provocava o aparecimento da histeria, massagens uterinas como prática médica e a invenção do vibrador.

Já no século XX, no contexto histórico de Lacan, a demanda pela convergência do sexo e do amor era fortemente pronunciada. E, ao mesmo tempo, acentua-se a tendência a viver o sexo como revelação da verdade pessoal, individual e íntima de cada um, que segundo o diagnóstico de Foucault, ao qual Lacan se subscreve,¹¹ teria começado a surgir na Europa no século XVIII.

Essas coordenadas sociais e históricas permitem interpretar as razões pelas quais Lacan, ao estabelecer a lógica do ato analítico como articulação significativa – repetição – em duplo laço, recorre à razão áurea, que lhe permite inscrever que não há ato sexual nem proporção que se possa escrever, porque a operação não faz Um. É por isso que ele vem definir o ato sexual como um engano, como a aparência de que não há falta.

Ele equipara o valor 1, na proporção áurea, ao que ele chama de M (mãe) como “o pensamento daquele no casal”, e o valor (0,618...) ao desperdício, um produto da história particular. O resultado da articulação-repetição não é Um nem Dois. São 1.618...

$$\frac{a}{1} = \frac{1}{1+a} \{A: \text{Outro sexual}\}$$

a=0,618...valor incomensurável, diferença que impede a díade, é o que falta para somar dois (2).

¹⁰ Idealização da mulher que extinguiu a primeira onda feminista surgida no final do século XVIII.

¹¹ Lacan, J. (2007). Lugar, origen y fin de mi enseñanza. Em *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós.

Se ϕ , o número áureo é igual a ϕ (ϕ) {1,6180339887...}

E a é igual a 0,618....

Cumprem-se as seguintes equações em que participam ambos os valores, sem que o resultado se feche em um (1) ou em dois (2):

$a = 1/\phi = 0,618...$

$1+a... = 1/a = \phi$ (ϕ) {1,6180339887...}

M, então, não é a mãe no caso clínico. É o pensamento do Um, como “polo materno”, uma imposição da cultura que exalta a imagem da mãe e que na psicanálise tomou forma no conceito de simbiose mãe-filho, por exemplo. Mas 1 também é igual ao que ele chama de Outro sexual, “a díade do casal em pé de igualdade”,¹² comparável ao modelo de “almas gêmeas”.

Na aula de 01/03/1967 do *Seminário 14*, Lacan o representa com as letras da razão áurea:

1 contra A em pé de igualdade

 a 1 A

A: Outro sexual

Então, na repetição significativa em duplo laço, que articula os valores 1 e 2, não se trata de ninguém. Não se trata do pai, da mãe e do filho, à maneira da narrativa do Édipo freudiano. O que Lacan inscreve com o desdobramento do ato analítico em um duplo ciclo, com a expressão da razão áurea, é sua estrutura não unificadora. Portanto, o ato analítico tende a estabelecer a impossibilidade do ato sexual, como relação-proporção sexual, em qualquer texto clínico em que emerge o enredo da história que antecede o sujeito local, em um dado quadro cultural. O ato analítico põe em questão o ato sexual, quando no casamento, por exemplo, como “ato sexual institucionalizado”, o homem e a mulher “se afirmam um para o outro”. Não importa se o casamento é entre pessoas do mesmo sexo. A consequência é a mesma. Como analistas, não sabemos o que é um homem ou uma mulher, ou qualquer gênero não binário, porque o Outro sexual, com suas modulações variadas, no Ocidente assume um valor unificador sobre o qual opera a lógica do ato analítico. Esse valor unificador se revela no modelo do casal companheiro, na sacralização da Mulher e da Mãe e no lugar central que o sexo ocupa na definição da identidade de cada indivíduo. Uma posição cada vez mais enfatizada

¹² Idem. (2023). Op. cit. Aula de 01/03/67. Em <http://staferla.free.fr>, a versão francesa corresponde à classe 13.

no pós-modernismo, quando o “fazer de dois um” no casal companheiro começa a se desintegrar com base na prevalência do ideal de dois indivíduos autônomos e independentes em companhia: 1+1.

Poder-se-ia acrescentar que este modelo é adequado para localizar em textos clínicos o valor diferencial das diferentes “vozes”, por exemplo: o pai e a mãe são Um no sujeito-tema localizado? A palavra da mãe, do pai ou do avô é sagrada? Então mamãe é Deus, que no Ocidente só existe Um?, etc.

Conhecimento e saber. Sexual não é sexual

Um dos significados do verbo “conhecer” em espanhol é ter relações sexuais com alguém, como aparece em algumas traduções de textos bíblicos.

A formalização do ato analítico como instauração da impossibilidade de inscrição do ato sexual, tal como se apresenta com o desdobramento do duplo laço na proporção áurea, também nos permite localizar as falhas dessa operação quando o analista é tomado pelo que Lacan chama de “ilusões de saber”, de pura subjetividade, ou delírio do pensamento do ego.¹³ O conhecimento ou compreensão do objeto pelo sujeito no sentido aristotélico pressupõe atividade teórica como contemplação do que é. Para Lacan, “um delírio comum”¹⁴ que é equiparado à visão misteriosa. O caso paradigmático de E. Kris, conhecido como “miolos frescos”, serve como exemplo do ato analítico fracassado. O texto clínico coloca a inibição de publicar de um jovem cientista pelo medo de plagiar ideias de um colega e o analista determina que o paciente **não é um plagiador** após revisar o texto que alegava plágio. Essa intervenção decorre do preconceito da propriedade intelectual que, pelo menos desde o Renascimento, pressupõe que as ideias pertencem a alguém, a um indivíduo contado como um sem outro e sem um Outro.

Lacan localiza a intervenção de Kris no nível 1, como A: Outro Sexual. O corte precoce não completa o ciclo duplo, pois a intervenção envolve definir o paciente em um sentido preciso: “você não é um plagiador”. O Outro sexual, com valor unificador, funciona mesmo que não envolva o ser, como gênero:

_ a _____ / _____ 1_ (Outro sexual) _____

¹³ Ibidem.

¹⁴ Idem. (1973). *El psicoanálisis en su referencia a la relación sexual*. Tradução R. Rodríguez Ponte. Disponível em: <https://www.lacanterafreudiana.com.ar>.

Claramente, a operação de engano quanto ao fato de não haver falta – ato sexual – ocorre como um corte precoce, sem que ocorra a repetição significativa em um *bucle* duplo. O resultado é a produção de um *acting-out*. O problema do ser se cristaliza no ato sexual como ato analítico fracassado, sem que o campo semântico do texto se refira ao sexual ou à sexualidade em sentido banal. A ilusão do conhecimento envolve manter a aparência de que não há falta, e a partir dessa posição a intervenção de E. Kris no texto clínico vai na direção da relação sexual que não existe. Portanto, citando Lacan, podemos concluir que “não está claro que o que atualmente é chamado de relação sexual signifique que ela seja de alguma forma sexual”.¹⁵

¹⁵ Ibidem.

BIBLIOGRAFIA:

1. Coontz, S. (2006). *Historia del matrimonio. Cómo el amor conquistó el matrimonio*. Barcelona: Gedisa Ed.
2. Eidelsztein, A. (2019). *La topología en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Lacan, J. (1977). *Seminario 24*. Inédito. Aula de 19/04/77.
4. Lacan, J. (2007). Lugar, origen y fin de mi enseñanza. Em *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Paidós.
5. Lacan, J. (2012). *El Seminario. Libro 19*. Palestra em St. Anne 01/06/72. Buenos Aires: Paidós
6. Lacan, J. (2023). *El Seminario. Libro 14*. Buenos Aires: Paidós.
7. Oyewumi, O. (2017). *La invención de las mujeres*. Bogotá: Editorial de la Frontera.
8. Sarrailet, M. I. (2024). El psicoanálisis y la estructura familiar en la modernidad y posmodernidad. Em *El Rey está desnudo*, n.º 21. <https://elreyestadesnudo.com.ar/revistas/>
9. Villa Pusineri, R.; Zaratiegui, J. (2022). Unarismo del sexo o Etero-sexualidad. Dos respuestas posibles a un malestar de época. Em *O Rei está Nu*, n.º 19. <https://elreyestadesnudo.com.ar/edicion-19>

MARIA INÉS SARRILLET

Psicanalista. Membro da APOLa La Plata.

E-mail: marisarra1@hotmail.com